

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Bruno Romano Garcias

**CATALISANDO SENTIDOS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE OS
TOCADORES DA COOPERATIVA GIRASOL**

PORTO ALEGRE

2018

Bruno Romano Garcias

**CATALISANDO SENTIDOS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE OS
TOCADORES DA COOPERATIVA GIRASOL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Área de habilitação: Antropologia

Orientador: Prof. Dr. Caleb Farias Alves

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

GARCIAS, BRUNO ROMANO
CATALISANDO SENTIDOS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE
OS TOCADORES DA COOPERATIVA GIRASOL / BRUNO ROMANO
GARCIAS. -- 2018.
41 f.
Orientador: CALEB FARIAS ALVES.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. ECONOMIA SOLIDARIA. 2. ALIMENTAÇÃO ORGÂNICA.
3. ANTROPOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO. I. ALVES, CALEB
FARIAS, orient. II. Título.

Bruno Romano Garcias

**CATALISANDO SENTIDOS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE OS
TOCADORES DA COOPERATIVA GIRASOL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 09 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maycon NoreMBERG Schubert - UFRGS

Prof. Dr. Carlos Eduardo Valente DULLO - UFRGS

Prof. Dr. Caleb Farias Alves (orientador) - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres que me ensinaram tanto e sempre estiveram presente na minha vida: minha mãe Ida e minha avó Dilma.

Ao meu pai Marco, de quem herdei a paixão pelas coisas simples e pela cozinha.

À minha companheira Juliana pela paciência, persistência, ajuda e apoio.

Aos amigos pelas trocas, ouvidos e sonhos de um mundo melhor.

À Cooperativa Girasol, pela solidariedade revolucionária.

Eu sou deste mundo e destas coisas que são e me levam.

(Humberto Megget)

RESUMO

A partir de entrevistas com participantes (tocadores) da cooperativa de consumo Girasol busco compreender os significados presentes nas narrativas construídas neste processo, além de interpretar os sentimentos catalisados nessa relação, que envolve âmbitos pessoais, políticos e sociais, no que diz respeito à alimentação orgânica. Através de pesquisa bibliográfica, contextualizo brevemente alguns conceitos como economia solidária, solidariedade e o debate institucional sobre a agroecologia. Como aporte teórico, me auxilio nos estudos da antropologia da alimentação, assim como a proposta de Tim Ingold para a antropologia.

Palavras chave: Agroecologia, alimentação orgânica, antropologia da alimentação, economia solidária, solidariedade, Tim Ingold.

ABSTRACT

Departing from interviews with tocadores (participants) of the Girasol cooperative, my goal is to understand the narratives constructed throughout the creative process, as well as to make meaning of the personal feelings that arise in this context, which encompasses the personal, political, and social arenas as related to organic agriculture. Via bibliographic research, I briefly contextualize such concepts as the solidarity economy, solidarity, and the institutional debate surrounding agroecology. My theoretical lens borrows from the anthropology of food, as well as from Tim Ingold's contributions to the field.

Keywords: Agroecology, anthropology of food, solidarity economy, organic food, solidarity, Tim Ingold.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logomarca Cooperativa Girasol.....	16
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 COOPERATIVA GIRASOL - GIRAR SOLIDARIEDADE.....	17
3 TOCADORES.....	23
4 CONCLUSÃO.....	35
5 REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Retomando um pouco minha infância, uma memória afetiva que desperta carinho e talvez explique, em parte, meu envolvimento com a gastronomia são meus pais à beira do fogão. Os cheiros que se espalhavam, os alimentos porcionados pela cozinha, as panelas colocadas sobre a mesa, a comida simples mas que satisfazia o paladar e a alma. Hoje me parece muito mais gostosa, pois está na memória, algo intangível, mas sem dúvida deixou no inconsciente o prazer de cozinhar gravado no que me tornei.

No decorrer da minha trajetória esse interesse não foi tão claro. Entrei na Universidade em um momento de envolvimento político partidário e ao invés de convicções, o que se apresentou foram dúvidas. Demorei a descobrir o interesse pela alimentação, algo que despertou a partir de questionamentos sobre o meu futuro e uma frustração com a academia. Em 2013, consegui um emprego como auxiliar de cozinha e, com o passar do tempo, cozinheiro, profissão que atuo hoje. Em 2015, pude participar de um projeto de pesquisa capitaneada pela UFCSPA, vinculado ao Programa RS Mais Gastronomia/do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, chamado “Cozinha Gaúcha: um resgate dos sabores e saberes da Gastronomia do Rio Grande do Sul”, oportunidade que me permitiu conhecer a prática da pesquisa de campo/qualitativa e a diversidade gastronômica existente no Estado.

Esse caminho me levou a tentar compreender sobre o universo que rege essa necessidade fundamental que é o comer e me aproximou novamente das Ciências Sociais através dos estudos sobre Antropologia da Alimentação. Além da necessidade biológica, por que comemos? O que comemos? Quando? Onde? Com quem? Escolhemos dietas ovo-lacto-vegetarianas, veganas, mediterrâneas, *low-carb*, funcionais, alimentos orgânicos, convencionais, congelados, artesanais. O leque que

se abre a partir das reflexões sobre o tema é imenso e a antropologia nos auxilia de uma maneira significativa a compreender a órbita dessa nossa função essencial para a vida: se alimentar.

Foi nesse percurso que, no meio do ano de 2017, tive contato com a Cooperativa de Consumo Girasol, através de um amigo, colega de curso e interlocutor dessa etnografia, que me convidou para conhecer e participar desse empreendimento baseado nos princípios da economia solidária, tais como autogestão, horizontalidade nas decisões, associativismo e cooperação. Já sabia da existência e um pouco da história da Girasol, que funcionou de março de 2006 a agosto de 2011, entrando em um hiato e retomando as atividades em julho de 2016, até os dias atuais. A partir daí, passei a consumir e a ter maior contato com os “tocadores” - como são denominadas as pessoas que participam organicamente na construção da Girasol - não demorando muito a me tornar um. Essa experiência, aliada à trajetória no curso e na vida, me levaram a querer compreender mais a fundo os anseios que permeiam a participação dos tocadores em torno de um trabalho coletivo e, de uma certa maneira, único em Porto Alegre.

A questão inicial sobre este trabalho de conclusão era: quais são as motivações envolvidas no processo de construção de uma cooperativa de alimentos orgânicos? Minhas pressuposições mais rasas, extraídas no envolvimento e convívio - e por conhecer os interlocutores de outras frentes políticas - me levavam a crer que a resposta se encontrava simplesmente na atuação política, advinda de discursos de esquerda ligados a movimentos agroecológicos dos tocadores, que funcionavam como mediadores políticos e propiciavam a compra de alimentos orgânicos oriundos da agricultura familiar para consumidores do meio urbano. Não estava enganado, pois essa é uma característica relevante da pesquisa, mas, a partir das entrevistas, pude perceber que o mais interessante não se encontrava somente nos signos que

partiam dos tocadores na construção da Cooperativa Girasol, mas como a participação dos tocadores é um catalisador que envolve aspectos relacionados à memória, ao cuidado de si, a atuação política, às amizades, à administração do tempo, ou seja, ao fluxo de nossas vidas fragmentadas.

Para a melhor compreensão desse universo, escutar as narrativas dos tocadores se fez fundamental. É a partir delas que saímos do lugar-comum presente nas demandas da cooperativa e podemos enxergar que não existe um “começo” e um “fim” nesse processo, mas sim *um emaranhado de fios* que formam essa coisa. E aqui me faço valer do conceito de Tim Ingold (2012) explicando a diferença entre *objeto* e *coisa* em Heidegger e corroborando com a sua visão:

O objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. Ele é definido por sua própria contrastividade com relação à situação na qual ele se encontra. A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. (...) Há decerto um precedente dessa visão da coisa como uma reunião no significado antigo da palavra: um lugar onde as pessoas se reúnem para resolver suas questões. Se pensamos cada participante como seguindo um modo de vida particular, tecendo um fio através do mundo, então talvez possamos definir a coisa, como eu já havia sugerido, como um “parlamento de fios”. (INGOLD, 2012, p.29)

Tim Ingold, no seu esforço de construir uma nova visão para a antropologia, defende a ideia de uma ciência que compreenda o mundo através de seus organismos entrelaçados em um constante fluxo pulsante. Por isso, deve-se, segundo Ingold, observar em um esforço criativo e atento, as linhas que compõem essa imensa malha chamada vida. Como escreve Thiago Cardoso (p. 243) em artigo sobre o livro “Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição”, de Ingold, o tema central de sua tese é:

“os seres humano produzem-se a si mesmos e uns aos outros num campo relacional, estabelecendo através de suas ações, as condições para seu crescimento e desenvolvimento. É neste sentido que o autor observa que, não diferentemente de uma pedra, de uma onça ou de um pássaro, os humanos são ocorrências, isto é, eles são suas histórias.” (CARDOSO, 2015)

Aqui cabe um esclarecimento conceitual que utilizo nesse trabalho. A proposta de Ingold para a antropologia é uma crítica às formas adjetivadas como social, cultural, interpretativa, estrutural (STEIL & CARVALHO, 2012) se aproximando assim da corrente fenomenológica. O antropólogo busca reparar a “divisão entre os domínios subjetivos (o mundo interno da mente e do significado) e os domínios objetivos (o mundo externo da matéria e da substância)” (SILVA, 2011). Ou seja, acabar com a dicotomia ontológica entre natureza e cultura existente no cerne do pensamento antropológico. Carlos Steil e Isabel Carvalho (2012), em seu artigo “*Diferentes aportes no âmbito da antropologia fenomenológica - Diálogos com Tim Ingold*”, nos explicam que a ideia de Ingold está em “compreender a experiência comum a todos os seres vivos de serem transpassados por materiais que os constituem como organismos que, por sua vez, não se fecham em invólucros corporais ou identidades específicas” (pág.31), portanto,

“A experiência da vida não é vivida no interior de um corpo que se relaciona com outros corpos como um objeto entre outros, mas se dá no fluxo dos materiais (luz, som, vento, líquidos, texturas etc) que os atravessam, diluindo os limites de seus corpos, de suas mentes e de suas superfícies”. (STEIL & CARVALHO, 2012)

Utilizei a proposta de Tim Ingold porém não me detive somente a ela. Procurei também me apoiar nas interpretações dos estudos relacionados à antropologia da alimentação, a qual, por muitas vezes, se contrapõem à ideia exposta acima. Tais estudos estão diretamente ligados a interpretações culturais, estruturais e simbólicas

sobre a alimentação e são aportes complementares para interpretar as falas de nossos interlocutores e a relação de sentidos presente nesse universo.

Esse universo é composto por alguns pressupostos que guiam a organização da cooperativa. Se propor a participar da rotina da Girasol envolve compartilhar visões de um mundo em que as relações, para além do consumo, sejam horizontais, coletivas. Para que isso aconteça, é preciso pensar e praticar um modelo de vida próximo ao ideal, um desafio enorme quando se encontram diferentes histórias e perspectivas de vida em torno de ideias. A ideologia contida nesses pressupostos tem como objetivo a construção de outros tipos de relações humanas baseadas na solidariedade e no cooperativismo, buscando contrapor uma vida calcada no consumo frio e distanciado do contato entre pessoas, que invisibiliza os seres humanos que compõe essa troca de mercadorias, que desumaniza a trajetória dos alimentos até a nossa mesa e explora e envenena tanto os produtores como a terra, as águas, os recursos naturais fundamentais para uma vida mais plena. Essa lógica hierarquizada do modelo capitalista imposto pelos grandes distribuidores de alimentos, e aceito também por pequenos empreendimentos como eficiente, é limitada e degradatória, algo que vai contra a vida dos seres, do nosso ambiente, dos nossos fluxos e deve ser combatida com propostas tangíveis, com experiências que considere nossa interdependência como um grande organismo vivo onde tudo deva se relacionar da forma mais harmônica, justa e prazerosa possível. Esse horizonte está arraigado na concepção de uma vida melhor para todos, como é colocado no site da Girasol:

“O seu compromisso é priorizar o estímulo às iniciativas produtivas agroecológicas e a implementação de práticas fundadas em relações de colaboração solidária, pela qual consumidores e produtores se beneficiam de modo justo e igualitário da produção de riquezas. O seu propósito é oportunizar o conhecimento da história de cada

produto e compreender que por trás da nossa compra existe uma forma de organizar o trabalho que valoriza o ser humano e respeita o meio ambiente.” (COOPERATIVA GIRASOL, 2018)

Isso requer, também, o esforço em expandir suas práticas e inserir novos adeptos. Para se mudar o mundo é preciso compreensão e participação desse mundo.

“Dentro desta realidade, a GiraSol poderá ousar ainda mais, buscando ampliar e diversificar a oferta de produtos, a gama de cooperados individuais e coletivos, o fortalecimento e estreitamento de vínculos entre aqueles que produzem e aqueles que consomem, além da criação de iniciativas de formação voltadas à multiplicação de consumidores e produtores mais conscientes e preocupados em adotar práticas que valorizem a justiça social e a sustentabilidade do planeta.” (COOPERATIVA GIRASOL, 2018)

Em um espectro macro, a Cooperativa se insere em um debate fundamental sobre nossos modelos de consumo alimentares. Atualmente, o Brasil é o país líder em consumo de agrotóxicos, sendo crescente a procura por alimentos que sejam produzidos sem veneno, fato que tem acarretado a construção de novos mercados que visam a produção alimentar agroecológica. As motivações por parte dos consumidores passam por discursos no âmbito individual (saúde e bem estar) a sociais (ambientais, políticas, culturais, territoriais). Já a produção científica sobre novos mercados de alimentos orgânicos com valores agroecológicos tem se empenhado em elucidar as construções sociais que são referências para consumidores e produtores.

Os enfoques que poderiam ser abordados com relação à Cooperativa passam pelos estudos sobre Economia Solidária, Consumo, Autogestão, Movimentos Sociais, Agroecologia. Portanto, foi dentro das perspectivas teóricas de Tim Ingold e de estudos sobre antropologia da alimentação que procurei analisar as trajetórias de

vida de três tocadores da Cooperativa Girasol: Gustavo, André e Marialice. A partir de entrevistas semi-estruturadas, busquei compreender quais são os “fios narrativos” que se interconectam na formação da identidade da Cooperativa e dos tocadores e de que maneira a Girasol é capaz de catalisar os diversos anseios políticos, alimentares e afetivos.

2. COOPERATIVA GIRASOL - Girar Solidarietà

O nome científico do girassol, a planta, é *Helianthus annuus L.* A etimologia da palavra advém do grego *helios*, que significa sol, e de *anthus*, que significa flor, portanto, “flor do sol” (BORTOLINI, PAIÃO & D’ANDREIA, 2012, pág. 13), ou, que gira seguindo o movimento do sol, o chamado movimento heliotrópico (pág. 16).

Na Girasol, o símbolo da flor apresentado como logomarca representa não só a planta, que tem como principal característica seguir o movimento do sol e é formada por diversas flores que se parecem com apenas uma - composição denominada inflorescência -, mas também a ideia de união, solidariedade e cooperativismo. Na figura abaixo, vemos que a composição do girassol é formado por pessoas, e isso não é a toa. O nome da cooperativa é descrito apenas com um “s”, diferente da planta, pois sua composição significa “Girar Solidarietà”.

Figura 1 - Logomarca da Cooperativa Girasol



Fonte: <http://coopgirasol.com.br> (2018)

O conceito de solidariedade foi central para o desenvolvimento da sociologia a partir Durkheim. Baseado no positivismo, com uma visão linear de evolução social, as solidariedades mecânica e orgânica seriam formas de garantir que a sociedade moderna se desenvolvesse e se mantivesse coesa para além dos contratos sociais, interesses individuais ou opressão do Estado (SILVA, 2011). Para o sociólogo,

resumidamente, a solidariedade mecânica estaria ligada ao reconhecimento dos membros de um mesmo grupo em uma mesma localidade e com os mesmos valores. Já a solidariedade orgânica estaria atrelada ao reconhecimento dos indivíduos perante as instituições como família, igreja, estado. Muitas são as críticas a esse abordagem, porém não cabe aqui a extensão desse debate.

Para tanto, nos interessa mais a definição criada pelo filósofo e sociólogo Jürgen Habermas. Segundo Habermas, a solidariedade está intrinsecamente ligada a ideia de justiça através de uma moral autônoma. Os dois conceitos são inseparáveis, visto que preservam o direito coletivo da individualidade. Segundo Jefferson Dias (2015, pág.73):

“Toda moral autônoma tem que resolver, ao mesmo tempo, duas tarefas: ao reivindicar trato igual, e com ele um respeito equivalente pela dignidade de cada um, faz valer a inviolabilidade dos indivíduos na sociedade; e ao mesmo tempo em que exige a solidariedade por parte dos indivíduos, como membros de uma comunidade na qual são socializados, protege as relações intersubjetivas de reconhecimento recíproco. A justiça refere-se à **igualdade** da liberdade dos indivíduos que se determinam a si mesmos e que são insubstituíveis, enquanto a solidariedade refere-se ao bem, ou à **felicidade** dos companheiros irmanados em uma forma de vida intersubjetivamente compartilhada, e deste modo também à **preservação** da integridade dessa forma de vida”. (apud HABERMAS, 2002, pág. 75-76, *grifo nosso*)

Habermas desenvolve sua visão através da ideia de uma sociedade que se protege enquanto comunidade, buscando igualdade entre os seus, para garantir suas liberdades individuais, visto que as leis e normas não conseguiriam, por si só, esses direitos.

Fisicamente localizada em um antigo casarão de esquina no coração da Cidade Baixa, em Porto Alegre, a sede da Cooperativa Girasol funciona como um empreendimento que visa formar uma rede de pessoas interessadas em consumir

alimentos orgânicos além de cooperativas de agricultores, trabalhadores da agricultura familiar e pequenos produtores artesanais. Baseado nos princípios da Economia Solidária, a Girasol procura construir relações que sejam capitaneadas pelo consumo sustentável/responsável e o comércio justo, tendo o papel de facilitar o contato dos consumidores urbanos com alimentos, em sua maior parte, orgânicos produzidos agro-ecologicamente. Essa facilitação serve para que tanto produtor quanto consumidor não sejam prejudicados economicamente, fazendo com que os dois lados possam se beneficiar nessa relação.

Atualmente é constituída por ativistas e militantes ligados a movimentos sociais e estudantes, todos não remunerados financeiramente, que se reúnem quinzenalmente para debaterem questões práticas que perpassam pela contabilidade, publicidade, *feedbacks* positivos e negativos dos consumidores, troca/permanência de fornecedor, assim como a visão política diante das decisões que permeiam a cooperativa.

Visando uma organização democrática, os consumidores têm a opção de se associarem à cooperativa pagando uma mensalidade que lhes garantem descontos nas compras semanais assim como direito à participação nas reuniões e, conseqüentemente, nas decisões das mesmas.

Através de compras programadas, os consumidores escolhem seus produtos pelo site da cooperativa assim como seu local de retirada (núcleo), que atualmente são quatro: Sede da Cooperativa GiraSol, no Bairro Cidade Baixa, Galpão do DTG da EMATER-RS, no bairro Menino Deus, ACCEITEC e Garagem Antiga da Faculdade de Agronomia da UFRGS (ambos no bairro Agronomia), todos situados em Porto Alegre-RS.

O processo de entrega se dá na divisão de três partes: recebimento e separação dos produtos totalizados na parte da manhã; separação por pedidos e por núcleos às 14h; distribuição dos pedidos para os outros núcleos (aproximadamente às 16h) e entrega de produtos na sede a partir das 17h.

Existem diversas dificuldades em seu cotidiano. Uma delas está em manter a média de consumidores em cada compra programada e diversas hipóteses são levantadas pelo grupo de associados para que isso aconteça. A que mais se destaca e estende o debate é a cultura de consumo imediato, ou seja, programar-se para comprar, mesmo que via internet, até a segunda, para pegar os produtos na quarta-feira, exige um planejamento a médio prazo que é dificultado por uma rotina urbana acelerada e pela facilidade de encontrar produtos nos supermercados.

Historicamente, o nascimento da Cooperativa surge de um debate que se inicia nos 1990 na qual a agricultura orgânica cresce exponencialmente e demanda, por parte do Estado, o desafio de compreender e elaborar políticas públicas para esse setor até então desconhecido. Segundo Nierderle & Almeida (2013, pág. 23), apesar do contexto multifacetado, o Estado tem ainda outras duas situações para se debruçar: os novos atores que estão presentes nessa rede de produção de alimentos orgânicos e os novos mecanismos de controle e ampliação dos organismos certificadores. André nos mostra que existem desafios a serem superados na dependência das cooperativas com relação às políticas públicas advindas do Estado, criando autonomia frente ao mercado e suas relações comerciais.

O desafio das cooperativas, que hoje já estão em outro patamar organizativo, econômico e comercial, partindo das políticas públicas - PEA, PNAE - que permitiu que a logística dessas cooperativas cheguem aos grandes centros urbanos, mas um debate delas que elas não podiam ficar dependentes de um único mercado, que era um mercado constitucional. E uma aposta delas de construir e ser parceiras de iniciativas comerciais que busquem organizar os

consumidores ou iniciativas comerciais... Que produzam uma relação mais direta com os consumidores. E acho que a gente tava nesse ambiente com militantes. (André, 2018)

Em Porto Alegre, segundo André, a Girasol carrega na sua origem uma crítica às feiras orgânicas onde um pequeno grupo de famílias monopolizavam a produção e distribuição de alimentos orgânicos nos anos 80. Por isso, a prioridade da Cooperativa está ligada ao associativismo entre cooperativas, medida que serve para criar relações mais horizontais na produção e distribuição de alimentos orgânicos no meio urbano.

Aqui, embora não seja o ponto central deste trabalho, cabe esclarecer um pouco o debate teórico sobre economia solidária. Para André Guélin, historiador francês, o conceito de economia solidária se dá a partir de organismos produtores de bens e serviços, onde as pessoas participam de livre vontade e “onde o poder não tem por origem a detenção do capital e onde a detenção do capital não fundamenta a aplicação dos lucros” (Guélin, 1998. pag. 13).

Segundo o autor, apesar de sua origem datar no início do século XIX, como uma nova maneira de fazer política, a economia social passou a ser conceituada pelos intelectuais somente na década de 1980. Sobre isso, a pesquisadora Noëlle Lachet explica que, mesmo havendo estudos na Europa sobre cooperativismo, associativismo e mutualismo desde o século XIX, foi nos anos 1970 - com a crise do sistema capitalista, o desemprego e o fechamento de empresas - que surgiram alternativas como comunitarismo, solidariedade e voluntarismo.

Esse quadro dramático para a classe trabalhadora trouxe como consequências mudanças de ordem econômica, social e cultural, levando pesquisadores entusiasmados com a nova realidade a produzirem novas teorias e conceitos sobre tais fenômenos.

“Floresceu, então, a partir de 1977 e até 1984, uma série de iniciativas para salvar ou criar empregos, através de empresas autogeridas pelos próprios trabalhadores, e isto com o apoio de alguns sindicatos progressistas. Entre 1980 e 1985, foram criadas em massa cooperativas de trabalhadores em toda a Europa (Defourny 2001). Por outro lado, os inúmeros movimentos sociais e étnicos trouxeram uma nova visão do social, da sua relação com o econômico e da relação do homem com o meio-ambiente” (Lechat, 2002, 124).

A partir de então, diversos termos são utilizados para definir este sistema econômico, e de vida em sociedade, que busca um mundo mais justo por meio de experiências compartilhadas, autogestão comunitária e um cooperativismo autônomo.

“Desde esta perspectiva, no resulta extraño que coexista en la actualidad una multitud de términos en el mundo científico para designar a esta realidad o a partes de la misma, como ‘Tercer Sistema’, ‘Sector asociativo’, Sector voluntario’, ‘Economía de interés general’ y tantos otros...” (Chaves 1999, 120).

No Brasil, conforme aponta Lechat (2002), o conceito de economia solidária aparece em 1993 como alternativa para a crise econômica, uma possível solução para as taxas de desemprego e iniciativa para um desenvolvimento socioeconômico com base na relação de troca entre diversos agentes, na militância e na cooperação social.

Para a pesquisadora, existe hoje uma preocupação militante em relação à formação e à qualificação de empreendimentos solidários, à formação de redes e à tentativa de persuasão da esquerda quanto ao papel estratégico do projeto de economia solidária na luta contra o sistema capitalista, contra o neoliberalismo e por uma nova sociedade.

Portanto, é nesse cenário físico, nesse debate teórico e nesse contexto histórico que se encontram e intercalam a trajetória dos nossos tocadores.

3. TOCADORES

Na Antropologia, Canesqui (2005, p.11) nos esclarece o fato da disciplina se interessar tradicionalmente pelos estudos relacionados à alimentação de sociedades primitivas que envolvem “aspectos religiosos em torno dos tabus, totemismo e comunhão; pelas preferências e repulsas alimentares, pelos rituais sagrados ou profanos que acompanham a comensalidade, pelo simbolismo da comida, pelas classificações alimentares”. Ainda, segundo a autora, o foco atual tem sido as cozinhas e a culinária com ênfase nas tecnologias, tradições, histórias, procedimentos e ingredientes que aparecem engendrados a um sistema socioeconômico, cultural e ecológico diverso e podem se manifestar através de identidades regionais ou de classe, sociais ou nacionais (ibid., p.11/12).

O ato de comer do ser humano perpassa nossas necessidades fisiológicas, econômicas, religiosas, sociais e culturais que se manifestam através dos hábitos e escolhas – e por vezes a falta dela – pelos alimentos que nos dão prazer, por aqueles que nos ajudam a emagrecer, pelos que são mais baratos, pelas escolhas práticas, rápidas de se preparar (como no caso das comidas congeladas). Portilho (2008), em pesquisa realizada em uma feira orgânica no Rio de Janeiro, nos mostra que há um discurso político de responsabilidade com o planeta, sendo uma forma de agir e participar da vida. Portanto, tratam-se de pessoas que se auto-identificam como atores importantes no processo de mudança social e ambiental e que se auto-atribuem responsabilidades e deveres.

Conforme Sidney Mintz (2001), a maneira como comemos e a escolha do que comemos, além de constituir nosso corpo físico, revela também o nosso caráter, uma carga moral. Assim, a escolha por produtos orgânicos é uma escolha que revela

também uma visão ideológica e cultural, seja ela política, religiosa ou mesmo advinda de um discurso da saúde.

Para elucidar os sentidos é preciso percorrer as trajetórias individuais dos interlocutores, as linhas que se entrelaçam dando vida a outros organismos em um movimento contínuo. Entrevistei três tocadores da Girasol chamados André, Gustavo e Marialice, curiosamente, três sociólogos. André e Marialice, além de ainda participarem da Girasol, também fizeram parte da primeira formação da Cooperativa, em 2006, e Gustavo participou da retomada, no meio do ano de 2016.

O relacionamento com a Cooperativa Girasol envolve sentimentos afetivos e políticos por parte dos tocadores. Na fala dos interlocutores, ao serem questionados sobre a motivação de participarem da Girasol, podemos perceber discursos ligados ao passado.

Tanto André, como Gustavo, relatam suas origens rurais, atreladas ao campo. André faz uma análise mais ampla e, apesar de pessoal, sua fala demonstra uma conjuntura macro dos processos produtivos dos alimentos. Agricultor de origem, foi através de seu conhecimento e descontentamento com o modelo de produção que viu na Cooperativa uma forma de construir uma alternativa a essa questão:

“Eu acho que uma motivação pessoal é por conhecer os processos produtivos, de como os alimentos são produzidos e os alimentos que a gente acessa nos grandes centros urbanos, era algo que não me agradava. Tu estar dependente de produtos altamente contaminados ou processos produtivos totalmente agressivos ao meio ambiente e exploradores de recursos humanos e recursos naturais do agricultor.”
(André, 2018)

Sua origem, sua identidade militante, sua prática política, se constitui a partir de seu passado, tendo um papel importante na constituição da Cooperativa:

“Eu, então, desde o início, participo dessas conversas, e me coube, pela origem - e por isso que eu resgatei a minha condição de agricultor na minha juventude - no espaço onde eu estava trabalhando, me coube um papel importante no mapear os produtos e produtores naquele período. Então eu entro pra Girasol nessa perspectiva.” (André, 2018)

Gustavo também traz da memória, porém com uma análise mais pessoal, sua motivação:

“Acho que é algo bem sentimental assim, bem do passado, da lembrança. Apesar de não ter sido agricultor, meu pai foi lá na região de Cachoeira. Plantavam mais arroz, mas tinham horta também. E a minha mãe também foi aqui da região de Santo Antônio da Patrulha. Meu vô por parte de mãe era tropeiro. Então tem, na minha família, apesar de nunca ter vivido no interior. Quando eu morei em Santa Cruz (do Sul), até os dezoito, dezessete, sempre teve galinha, horta, mas não era propriamente. A gente não vivia disso. Tinha até cana de açúcar no terreno, pequeno, relativamente pequeno.” (Gustavo, 2018)

Além disso, sua postura política também está ligada à sua infância. O contato com a prática do plantio, a criação de galinhas, com uma vida rural, constitui, antes de um conhecimento político conceitual, sua identidade militante.

“E a questão ecológica também, porque o orgânico implica em não usar agrotóxico, então isso é muito forte pra mim pelo ambientalismo. Primeira identificação militante que eu tive na minha vida foi como ambientalista, de me considerar um, bem antes de ter noção de esquerda e de direita.” (Gustavo, 2018)

O interessante aqui é observar um olhar de Tim Ingold sobre o engajamento pessoal. Antes mesmo de conhecermos teorias sobre o mundo, de nos envolvermos politicamente com certas correntes ideológicas, de se filiar à movimentos, partidos, grupos políticos, nossa identidade é constituída, primeiramente, a nossa experiências de vida, como explica Regina Silva em seu artigo “A teoria da pessoa de Tim Ingold:

mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?”, citando Ingold:

“É possível que as pessoas se engajem umas com as outras na base da experiência perceptiva formada antes da objetivação da experiência em termos das representações coletivas codificadas pela linguagem e validadas pelo acordo verbal.” (SILVA, R. C. M., 2011, *apud* Ingold, 1991, p. 373)

No caso da fala de Gustavo, seu contato com a agricultura, ou até a ideia de “interior”, na infância e adolescência gerou seu engajamento, sua visão de mundo com relação ao contexto onde se encontrava. Interessante observar que para o seu irmão esse passado não o afetou da mesma maneira que Gustavo, mesmo com idades próximas e convivendo juntos.

“Meus pais sempre falavam do interior... Então é uma coisa que eu dou muito valor. Mas pro meu irmão, que viveu junto comigo, (temos) um ano de diferença, não tem muito significado, mas pra mim toca muito assim. Então a coisa toda da agricultura familiar, de fortalecer esse grupo social, reforma agrária e tal, faz muito sentido pra mim, assim como a questão agroecológica.” (Gustavo, 2018)

Ora, André também constrói sua identidade através de sua experiência de “conhecer os processos produtivos totalmente agressivos” que não o agradavam. Também estava atento, aprendendo e se relacionando com seu ambiente, e isso o despertou a agir e a buscar uma alternativa a esse modelo produtivo. Lhe “coube pela origem” superar esse contexto e buscar relações mais próximas à sua visão de mundo. Lhe coube revisitar e ressignificar seu passado construindo outros sentidos em sua relação com a alimentação.

Se olharmos sobre uma perspectiva proposta por Tim Ingold, nossos interlocutores passaram por um processo de habilitação e não de enculturação pela qual “cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de suas predecessoras”, levando a crer que o “conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção” (INGOLD, 2010).

Questionado sobre os sentimentos despertados pelos alimentos orgânicos em seu cotidiano, Gustavo nos diz que:

“... Até esses dias eu cozinhei o arroz da Girasol, com o feijão da Girasol, com o tomate orgânico da Girasol. Tudo era da Girasol e orgânico. A cebola que eu usei no feijão. Daí foi um amigo meu, o Pedro, que até ajudou na Girasol um tempo, ele almoçou lá em casa e eu: “aí meu, tudo certinho” entendeu? É outro significado, isso é muito forte. Daí no fazer eu até tenho um cuidado maior, de fazer um negócio bem feitinho assim, sabe... É um prazer maior na hora de cozinhar.” (Gustavo, 2018)

O “tudo certinho” presente na fala significa que o seu discurso e sua ideologia estão de acordo com sua prática. Que sua ideia de consumir alimentos que são produzidos sem agrotóxicos e pela agricultura familiar, que alimenta uma rede alternativa aos grandes supermercados, se materializa através do preparo – e de sua percepção – no momento de preparar sua comida levando a um “prazer maior na hora de cozinhar”. É dentro do tempo e do espaço disponíveis, que o indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo (Douglas, pág. 116). Sobre a eficácia, traduzindo a ideia-mãe de Durkheim, Mariza Peirano (2002) nos diz:

“A sociedade não é um ser nominal e de razão, mas um sistema de forças atuantes, e a eficácia das ideias e crenças precisa ser incluída na análise explicativa, somando-se à ação, para que se identifiquem os mecanismos de movimento e de reprodução da sociedade”. (PEIRANO, 2002)

Ainda sobre a fala do nosso interlocutor, nota-se que sua participação na Girasol se dá através dessa eficácia, desse sistema que se fecha quando se percebe que suas crenças estão sendo concretizadas através de sua ação e isso faz com que sua militância continue.

Portanto, participar da Girasol é se constituir enquanto pessoa, e isso passa pelas relações e pelos alimentos. Os alimentos são importantes “nós” nessa teia e são capazes de mudar hábitos cotidianos. A ideia de que “somos o que comemos” torna-se verdadeira e faz parte desse sistema simbólico de participação na cooperativa. Além de nutrir o corpo, participam da construção lúdica na rotina dos tocadores, ainda mais quando se tem acesso à alimentos não convencionais.

Para Marialice, apesar da dúvida em externalizar seus sentimentos com relação ao consumo e preparo dos alimentos orgânicos da Girasol, há uma satisfação em ver que sua família se satisfaz, que existe uma “segurança” em comer alimentos sem agrotóxicos e, ainda, “essa coisa do ser diferente”, de distinção, que remete ao consumo alternativo às grandes redes de supermercado, o “sair do esquema”.

“Sim, eu gosto, é um sentimento diferente, e sentimento é subjetivo, difícil explicar, mas eu gosto, vejo que minha família gosta, que meus filhos gostam. Acho que é mais intangível, não é uma diferença tão grande no sabor, mas assim, essa questão de ser orgânico, eu me sinto muito mais segura comendo, entendeu? Então eu dou uma lavadinha na alface e acho uma maravilha. Eu tenho mais segurança alimentar, esse sentimento eu tenho e essa coisa do ser diferente, de sair do esquema, sabe?” (Marialice, 2018)

O espectro de sentidos que vem a tona são variados e o conhecimento aproximado da origem da comida aparece como um ponto importante para nossa interlocutora: “É um conjunto de coisas, e o pessoal de casa adora. É o tomate, o alface, ou mesmo o arroz, o feijão, quer dizer, a gente meio que sabe da onde vem, acho que isso faz muita diferença” (Marialice, 2018). Sua identidade militante está

atrelada à sua prática de consumo e à sua participação enquanto tocadora da Girasol.

Maria Eunice & Helisa Canfield (2013), em seu artigo “A comida boa para pensar: sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de uma olhar socioantropológico” demonstra que o ato de se alimentar pode, através da cultura, determinar e distinguir grupos sociais, ou seja, criar identidades (pág. 323). As autoras se auxiliam na obra de Lévi-Strauss, para o qual “a cozinha é uma linguagem, uma forma de comunicação, um código complexo que permite compreender os mecanismos da sociedade à qual pertence, da qual emerge e que lhe dá sentido” (pág. 322). Por isso, a comida é “boa para pensar”. Além de participar da cooperativa, consumir os alimentos orgânicos também é uma forma de distinção e constrói a identidade dos tocadores.

Niederle & Almeida (2013) atentam para o fato dos setores da agricultura empresarial terem se apropriado dos alimentos agroecológicos, fazendo com que onde antes se tinha uma relação produtor-consumidor direta, agora exista a mediação de redes controladas pelos grandes distribuidores. Esse distanciamento acarreta na perda da associação com o local e com as práticas tradicionais (pág. 33). Porém, esse contexto teve uma reação por parte dos movimentos agroecológicos, como nos explicam os autores:

Em resposta a essa situação ganha força uma crítica ética que denuncia este movimento de apropriação. Ela emerge associada aos valores da agroecologia que fundamentam a reconstrução de vínculos mais estreitos entre as práticas específicas de produção (aspectos técnicos), a localidade (aspectos socioculturais) e o ambiente (aspectos ecológicos), visando demonstrar que a indissociabilidade desses componentes impede um novo processo de apropriação pelos circuitos industriais. (Niederle & Almeida, pág. 33)

Nesse aspecto, os princípios da cooperativa vão ao encontro do resgate e valorização do trabalho de pequenos produtores rurais cultural e historicamente ligados a práticas agroecológicas, constituindo assim um apelo sociocultural que também é utilizado na estratégia de marketing dos seus produtos. Um exemplo disso é a venda de cebolas biodinâmicas produzidas por mulheres quilombolas do município de Mostardas. Para Gustavo, o contato e a parceria que a cooperativa constitui com esse grupo de mulheres tem um significado muito forte que está atrelado ao senso de justiça e solidariedade.

“A gente soube da cebola orgânica quilombola de Mostardas, plantada e colhida por mulheres quilombolas, com pó de pedra como fertilizante. Começamos a comprar delas e elas só tinham como vender para intermediários. Que aqui eles compravam delas por trinta centavos o quilo da (cebola) branca e cinquenta centavos o quilo da (cebola) roxa e vendiam na CEASA e no Zaffari por muito mais, porque é uma cebola orgânica. Elas tavam produzindo, fazendo todo “rolê”, e elas perdiam muito. Daí a Girasol soube disso e começou a comprar delas com o mesmo preço daqui, pagando dois reais.”
(Gustavo, 2018)

A diversidade de alimentos ofertados pela cooperativa é um ponto lembrado e ressaltado nas entrevistas. Arroz vermelho rubi, arroz preto e suco de cactos são produtos pouco convencionais e de bastante saída. André ressaltava que o prato nas refeições acabam se tornando mais coloridos por conta desses alimentos de pouca (ou nenhuma) oferta no circuito convencional. Quando questionado sobre a diversidade, Gustavo demonstra uma preocupação com sua saúde e justifica seu consumo do sal com pó de pedra pois “realmente eu acho que dá uma fortalecida nos minérios do corpo. Os ossos mais fortes, o cabelo mais firme.” Já Marialice, ressaltava que essa diversidade traz a sensação de segurança por conhecerem a origem dos produtos:

“Fora isso, tem coisas que você não encontra fácil, por exemplo, agora a gente tá comprando esse mel de melato, assim é o mesmo

gosto, ele só é mais escuro, um pouco mais líquido, mas não é por isso, é porque é diferente, porque a gente sabe de onde vem, é um conjunto da obra.” (Marialice, 2018)

André ressalta a importância da diversidade de alimentos que são capazes de alterar hábitos, se tornando, em algumas ocasiões, processos lúdicos:

“Por isso, acho que mudou muito nossos hábitos em casa, agora a gente também tem acesso a diversos temperos orgânicos, tu poder cozinhar com um açafrão, um gengibre, um alho poró, um tempero verde, uma salsinha, uma manjerona, uma cebola, enfim tudo com o sabor muito mais intenso. Tu tem acesso a um conjunto de temperos que dificilmente tu usaria no teu processo de preparar os alimentos comprando no supermercado. Inclusive te permite brincar um pouco com os sabores, pensar receitas com a folha da cenoura ou da beterraba, com a farinha de banana, um conjunto de experimentos que a gente acaba desenvolvendo e de ter uma culinária diversa.” (André, 2018)

A diversidade não está presente somente nos alimentos, mas também nos grupos que constituem essa rede de consumo que abrangem diferentes formas cultivo e organização em suas práticas:

“A agricultura negra e quilombola é muito diferente da agricultura de outras cooperativas, como a Unicoper, lá de Santa Rosa, que reúne agricultores de origem germânica. É um modo de produção, de organização totalmente diferente. Da Unicoper nós trazemos as farinhas, o açúcar mascavo, vinagres, mel e produtos neste campo. A Unicoper na verdade é uma central de cooperativas, ela tem na sua base 15 cooperativas, mas a Girasol se relaciona com essa central. Já a COOMAFIT, que é de Itati, Terra de Areia e Três Cachoeiras, tem como carro chefe banana, cenoura e beterraba, é uma cooperativa bastante modelo no que diz respeito à sua gestão. É uma entidade que tem uma participação expressiva de jovens na sua organização e de mulheres na sua direção, tanto que hoje quem está na sua linha de frente, na sustentação da cooperativa são jovens e agricultoras. Também é importante poder olhar para estes processos e estabelecer relações de apoio, de fortalecimento, de troca, de

intercâmbio, de trazer essas cooperativas também para os espaços urbanos”. (André, 2018)

Esse fato é um horizonte que está diretamente ligado a concepção de uma sociedade mais justa e solidária. Fomentar uma cadeia produtiva que valoriza as diferentes formas existentes no mundo rural faz com que os pressupostos da Girasol se concretizem, trazendo uma satisfação aos tocadores ao perceberem que estão construindo relações com “traços de emancipação” e “trocas justas”, como salienta Gustavo, ao descrever o contato com mulheres quilombolas:

“Nossa isso daí é a economia solidária que a gente quer. Nós comprávamos a cebola, uma cebola menor, dá até mais trabalho de fazer, mas saber a história que tinha por trás era muito significativo. De saber que esse alimento realmente não tem traços de exploração. Ao contrário, ele tem traços de emancipação. Claro que a Girasol não consegue ter uma demanda tão grande assim que vai de fato mudar a realidade delas, mas já é uma troca justa. Pelo menos a gente aqui, nós que estamos buscando esse caminho, ta sendo efetivado por aí.” (Gustavo, 2018)

Essas respostas são expostas como uma postura política da Girasol, de um modelo a ser perseguido e incentivado, com ênfase na utopia, com uma proposta concreta, propositiva de uma economia solidária, para além das posturas individuais e do consumo de alimentos orgânicos por parte dos tocadores:

“Por que se tu for ver o pessoal ali (da cooperativa) não cuida muito da saúde, alimentação orgânica. Muitos fumam, muitos tomam refri normalmente. Orgânico não é o que vai fazer a diferença. É bem mais político, de construir ferramentas para um outro mundo. Por que no final é isso: a Economia Solidária seria o que que a gente tem pra apresentar uma vez que a gente já está transgredindo, ultrapassando o modelo capitalista. “Tá, se não vai ser capitalismo vai ser o que?”. Vai ser o estado controlando tudo? Isso não é uma saída tão legal. Nós temos essa ideia aqui também, essa ideia que ta sendo gerenciada. Ta sendo germinada na real em vários pontos e as vezes da certo, as vezes da errado, mas a gente ta tentando trabalhar com o que a gente quer de fato, com a utopia, mas sabendo que a gente é

um grão de areia em um furacão. Daí é isso que eu acho que anima, não é um simples comércio em um sistema de opressão mas é algo que aponta pra uma saída.” (Gustavo, 2018)

A trajetória do alimento orgânico, em sua forma física, passa pelos produtores rurais - em sua maioria ligados à agricultura familiar e organizados em cooperativas - e sua distribuição ocorre na sede da Girasol, até chegar na casa dos consumidores/tocadores onde são preparados e ingeridos. Ou seja, o alimento adquire diferentes significados em sua trajetória. No caso dos nossos entrevistados, como os descritos acima, percebemos que todos “comem significados”, como explicam Maria Eunice & Helisa Canfield (2013)

“Em um contexto rural de produção de alimentos, nos processos de distribuição e na transformação em um prato a ser apreciado num restaurante, os sentidos atribuídos ao que se come e suas formas manifestas são variados, o que implica não somente dizer que o alimento percorre um fluxo em sua forma física, mas também que, nesse processo, ele passa a adquirir diferentes sentidos num modelo sistêmico que compreende perspectivas que envolvem o alimento e seus diferentes contextos locais e globais inter-relacionados.” (pág. 326)

Segundo a perspectiva de Tim Ingold, os alimentos, nesse caso, são coisas que fazem parte de um fluxo onde estão inclusos em linhas conectadas com seres humanos e seres não-humanos. Do processo de produção - e tudo que o envolve: plantio, colheita, cuidados - que parte da região metropolitana de Porto Alegre até chegarem à mesa de pessoas no meio urbano, os alimentos estão em constante transformação: germinando na terra, pegando luz, crescendo, alguns ficando pelo caminho, não resistindo. São colhidos, selecionados e passam por diversos tipos de deterioração devido ao deslocamento, temperatura, acondicionamento etc, até chegarem aos consumidores que lhe dão algum tratamento, algum modo de preparo na cozinha (cozido, frito, assado, cru) e, finalmente, estarão em nosso organismo através da comensalidade, nos trazendo nutrientes, nos alimentando, nos

constituindo. Ou seja, passam pelo processo de *coisificação* (INGOLD, 2012), pois estão vivas e entrelaçadas pelo meio.

Júlia Cardoni (2017, pág. 108), em pesquisa etnográfica realizada na Feira de Agricultores Ecológicos (FAE), nos sugere que

“Determinadas experiências de envolvimento agroecológico mobilizam consumidores, agenciando significados sobre o produto, sobre as relações do mercado, sobre a natureza e sobre a responsabilidade individual na sociedade imaginada nessas condições. O agenciamento de dispositivos sensibilizadores produzem condições afetivas, políticas e morais para o engajamento no mercado de feira, trazendo à tona considerações políticas sobre uma espécie de missão agroecológica no mundo”.

Aqui, dada as proporções da Feira e da cooperativa, também podemos visualizar as mesmas características, até por que estão dentro de um mesmo escopo ideológico de ação militante. Porém, se pensarmos através da ideia de *vida*, e não de *agência*, podemos dizer que os produtos são coisas vivas que estão inclusas em um fluxo - na natureza, nas relações de mercado, na relação com as pessoas, que a partir de suas concepções se relacionam com outras pessoas e dão sentido as práticas, não sendo agenciadas pelo produto, mas em constante troca com o ambiente. A autora, Julia Cardoni, sabe dessa diferenciação - *agência* e *vida* - e explica em uma nota de rodapé a visão dos autores, coloco aqui a reflexão apenas como um exercício teórico para melhor compreender a perspectiva de Tim Ingold.

Para além de um empreendimento econômico, na Cooperativa Girasol estão presentes relações de amizade, afetivas, sobre um modelo de sociedade mais justo e solidário. E isso é construído no cotidiano, na prática que perpassa uma visão mais atenta aos alimentos.

“E com isso também se produz relações humanas, não é apenas um processo comercial, se produz relações de amizade, de companheirismo, de militância, de discussão sobre a sociedade e o modelo capitalista que a gente vive. Muito mediado pela mística do alimento, ele produz uma **mística**, e acho que esse é um dos elementos mais característicos, mais importantes de tu poder compartilhar nos espaços deste trabalho, é toda a discussão sobre a origem do que tu consome, sobre quais relações estão por trás disso, como ele é produzido, qual a logística, o circuito para esse alimento chegar, são cadeias longas ou curtas? É a construção de um consumo desalienado, da gente poder saber de onde vem esse alimento, o que está por trás disso, o que ele sustenta, qual a relação com o meio ambiente.” (André, 2018, *grifo meu*)

Questionada sobre seu sentimento com relação a sua participação nas duas etapas da cooperativa, Marialice responde:

“Antes, como o processo era mais enxuto, a coisa era mais fácil, ela era também mais organizada, mas assim, é engraçado que eu sentia menos o espírito de grupo do que eu sinto agora nessa retomada. Aqui eu sinto ainda mais essa **união**, lá se tinha as escalas, cada um ia na sua escala, era como se fosse um trabalho, era um trabalho, era ativismo, era militante, mas não tinha essa coisa muito presente, a gente fazia reuniões, mas não sei, era diferente. Agora eu sinto muito mais esse **espírito de grupo** mesmo.” (Marialice, 2018, *grifo meu*)

Para Krischke e Tomiello (2009, p.29) “toma-se como um novo lugar a nova consciência alimentar, que pressupõe que a escolha ética implica no conhecimento de como, onde e de que modo os alimentos são produzidos e comercializados”. Para os pesquisadores, uma nova consciência tem sido revelada a partir da preocupação com o meio ambiente, o bem-estar e como um modo de atuação política. Tais apontamentos podemos visualizar na narrativa dos tocadores. E ainda mais: se colocar frente a esse desafio de compartilhar sonhos e desejos é algo intangível, como vez que outra deixam transparecer, mas é, muito além de um modelo organizativo, uma defesa da vida em seu âmbito maior.

4. CONCLUSÃO

Atualmente, em um modelo de sociedade individualista, produto do capitalismo, levamos uma vida cada vez mais fragmentada. Trabalho, tempo, relações pessoais, atuação política, cuidados físicos e mentais são elementos que precisamos manter são para continuarmos existindo minimamente tranquilos. É difícil enxergar, nesse ritmo acelerado que a cidade nos impõe, algo que satisfaça nossas necessidades humanas em seu âmbito mais geral e nos coloque em lugar de calma, ou algo próximo disso, tanto com nossas memórias, em nosso presente e em nossas perspectivas com o futuro. Por mais que a modernidade nos apresente ofertas de uma vida mais “plena” através de dietas do momento, trabalhos perfeitos, religiões que tragam conforto para o espírito, modelos de vida ideais, não é simples saciar os desejos do corpo e do espírito. Eckert e Rocha (2015, pág. 18), ao falarem sobre tempo e trabalho, ilustram de uma maneira bem abrangente o sentimento moderno:

“A linearidade temporal avassala corações e mentes como dispositivo da verdade dos sistemas de ideias (ideologias) dos estados-nações emergentes. No declínio do mundus da tradição, o sentido de duração é englobado pelas transformações contínuas do tempo histórico, e viver rotineiramente toma o sabor comum de fluxos repetitivos e homogêneos regulados pela mecânica do tique-taque e pela naturalização da cronometria como consequência de desejos individuais de evoluir no cenário da produção material, sendo este mesmo um objeto temporal.”

Como nos enxergamos perante esse contexto árduo, rígido, hierarquizado e acelerado da modernidade? Quais são nossas propostas e meios para se conquistar uma sociedade mais justa? Como atingir, de uma forma compreensiva e conciliadora, a vida de pessoas que estão inseridas nesse sistema injusto?

O pressuposto de uma cooperativa de consumo de alimentos orgânicos e artesanais que visa redes de cooperação entre cooperativas e que debata as

questões fundantes para um modelo de sociedade que respeite o planeta e enxergue de maneira holística o fluxo cotidiano está sendo construído, e a Girasol é só uma pequena partícula dentre as várias alternativas em curso, porém grande para seus participantes.

Como coloca André:

“Nós precisamos discutir o consumo enquanto um princípio de vida. Organizar estratégias desse consumo que talvez por sua base de esquerda operária e materialista ela sempre concebeu mais o mundo da produção, o chão da fábrica, o operário, e nunca o sujeito da fábrica para fora, na sua casa, no seu espaço sagrado, de convívio. Como que nós conseguimos interagir com esse ser humano que é trabalhador, portador de direitos, e que também consome, ele também tem desejos e nós relegamos a organização do comércio, do consumo, para o mercado.” (André, 2018)

Os espaços e as várias fragmentações por quais passamos requerem, cada uma, respostas específicas. Nesse sentido, podemos observar através das entrevistas, que a Cooperativa Girasol prospecta um outro olhar sobre as relações de consumo e afetivas ao conseguir catalisar várias áreas dos anseios descritos acima. Se alimentar sem consumir veneno, se relacionar de maneira mais próxima e solidária, conhecer a trajetória dos alimentos, proporcionar o acesso aos alimentos orgânicos, por preços justos, a pessoas que vivem no meio urbano. Militar perante uma causa, compreender que os indivíduos não mudam nada sozinhos. Revisitar e ressignificar o passado.

Não que a vida cotidiana dos tocadores sejam perfeitas e suas angústias sejam saciadas por completo, pelo contrário, são as imperfeições que a vida nos apresenta que gera a busca por respostas coletivas na construção de um futuro melhor.

Uma ilustração engenhosa proposta por Ingold talvez seja necessária para compreendermos o que está em jogo:

“A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião. Nós participamos, colocou Heidegger enigmaticamente, na coisificação da coisa em um mundo que mundifica.” (2012, pág. 29)

E continua:

“Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies”

Essas coisas da qual Ingold fala somos nós, são nossas relações, os fluxos, o organismo vivo. São os “nós” entrelaçados, e, sendo assim, quem sabe também não precisemos nos trazer de volta à vida?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMON, Denise, & MENASCHE, Renata. **Comida como narrativa da memória social.** *Sociedade e Cultura*, 11, 13–21, 2008.

Agroecologia : práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura /organizadores Paulo André Niederle, Luciano de Almeida, Fabiane Machado Vezzani.— Curitiba : Kairós, 2013.

BORTOLINI, Elenilson, PAIÃO, Gabriel Dias & D'ANDRÉA, Maria Stefânia Cruanhes. **A cultura do girassol.** Piracicaba : USP, 2012.

CARDONI, Julia. **“A NATUREZA ENSINA”:** uma etnografia sobre modos de fazer mercado na Feira de Agricultores Ecologistas. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2017.

CARDOSO, Thiago. (2015). **Por uma antropologia imersa na vida.** 241-250.

CHAVES Ávila, Rafael (1999). **La economía social como enfoque metodológico, como objeto de estudio y como disciplina científica.** In Lechat, Noëlle (2002). *Economía social, economía solidária, terceiro setor: do que se trata?* - Civitas Revista de Ciências Sociais - Unicamp. São Paulo.

DIAS, Jefferson Polidoro. **A solidariedade em Habermas e Levinas.** Enciclopédia. Pelotas, volume 4. p. 67-80. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Enciclopedia/article/view/8045>>

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens - Para um antropologia do consumo.** Cap. Os Usos dos Bens. Editora UFRJ, 2004.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais.** *Horiz. antropol.*, Porto Alegre , v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

_____, T. (2010). **Da transmissão de representações à educação da atenção.** *Educação*, 33(1), 6–25.

GAIGER, Luiz Inácio (1996). **Empreendimentos solidários: uma alternativa para a economia popular?** In: . (org.). *Formas de combate e de resistência à pobreza.* São Leopoldo: Unisinos, p. 101-126.

COOPERATIVA GIRASOL. [Site institucional]. Disponível em: <<http://coopgirasol.com.br/loja/sobre-a-girasol/>>. Acesso em: 02 de junho de 2018.

GOLDENBERG, Mirian. “**A comida como objeto de pesquisa**” – uma entrevista com Claude Fischler. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol.23, n.1, p.223 – 242, 2011.

GUÉLIN, André (1998). *L'invention de l'économie sociale*. Paris: Econômica

KRISCHKE, Paulo e TOMIELLO, Naira (2009). **O comportamento de compra dos consumidores de alimentos orgânicos: um estudo exploratório**. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, UFSC. SC

LECHAT, Noëlle (2002). *Economia social, economia solidária, terceiro setor: do que se trata?* - Civitas Revista de Ciências Sociais - Unicamp. São Paulo

MACIEL, Maria Eunice & CANFIELD DE CASTRO, Helisa. (2013). **A comida boa para pensar: sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de um olhar socioantropológico**. *Demetra*, 8, 321–328.
<https://doi.org/10.12957/demetra.2013.6648>

MINTZ, S. W. (2001). **Comida e antropologia: uma breve revisão**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(47), 31–42.
<https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300002>

PEIRANO, Mariza (2002). “**Análise antropológica de rituais**”. In: ____ (org.). *O Dito e o Feito: ensaio de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

PORTILHO, F. (2008). **Consumidores de alimentos orgânicos: discursos, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental**. *Anais da XXVI Reunião Brasileira de Antropologia*, 1–19. Recuperado de <http://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/PORTILHO-F?time=Consumidores-de-Alimentos-org?nicos-Discursos-pr?ticas-e-auto-atribui??o-de-responsabilidade-s?cio-ambiental.pdf>

STEIL, Carlos Alberto & CARVALHO, Isabel Cristina (2012). **Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome. (Coleção antropologia hoje)